

A AMÉRICA DE YVES BONNEFOY¹

I

Naquele tempo, eu morava em uma pequena casa isolada dentre algumas outras em uma colina de areia e de relva baixa e muito clara. Dali saía bem cedo pela manhã e dirigia-me a um restaurante que eu avistava a um ou dois quilômetros, exatamente do outro lado da estrada que segue, com certa distância, a costa do Pacífico. Era para mim um prazer ver aqueles carros cruzarem, lá longe, em silêncio, uma fita de estrada à margem do campo deserto; ver também as janelas do restaurante, cujas luzes da noite estavam ainda acesas, apesar da bela luminosidade dourada da aurora deste país. Diante daquelas vidraças passavam sombras, aquela de um automóvel que parava, de uma ou duas pessoas que se aproximavam de uma porta. Eu descia por um caminho impreciso em direção desta vida que parecia ainda de outro mundo, embora seu barulho tenha se tornado a certo momento perceptível, aumentando em seguida de grau em grau. E os acontecimentos destes minutos aprazíveis eram, para sempre, a estrela brusca de um para-choque a se chocar com um raio de sol ou, sobre a longa e baixa montanha azul que eu deixava à minha direita, o incêndio passageiro de um campo de mostarda. Em suma, a vida cotidiana da luz, alguma coisa como que a intimidade surpreendida, mas que, logo de início, bem acolhia. E tranquilizava. A luz era minha amiga, permaneceria comigo ainda durante todo esse dia.

Mas nesse dia, um domingo, que mudança depois de todas aquelas manhãs que foram as mesmas, um modo para o tempo de transcorrer sem barulho, como aquelas correntes que a água por vezes tem no meio das praias quando a maré se retira! A estrada que eu podia, da distância em que estava, seguir com os olhos por quilômetros, estava totalmente sem carros. E no lugar daquele fluxo regular dos outros dias, eu distinguia grupos do que bem pareciam ser crianças, grupos

¹ O texto original, "*LA Amérique*", faz parte do volume *La longue chaîne de l'ancre* (Paris: Mercure de France, 2008, p.35-48). Os direitos de tradução foram gentilmente cedidos pela editora. Tradução de Leila de Aguiar Costa.

sem número que iam todos na mesma direção e, surgindo sob o horizonte do norte para se perder naquele do sul, pareciam menos ainda pertencer à realidade comum, pois que se ocupavam fantásticamente durante toda sua passagem sobre a terra de fazer avançar em diversos níveis do céu grandes balões de cores numerosas, com frequência brilhantes, e de formas ainda mais surpreendentes. Algumas destas muito puras, os cinco corpos simples, uma perfeita beleza de planos e de arestas a serviço de uma matéria, tecido quem sabe translúcido; e outras complexas, emaranhadas, por vezes mesmo vagamente bufonas, com prolongamentos sem razão visível, braços e pernas providos de braceletes ou de sapatos de luz. As crianças seguravam esses balões por fios que lhes davam uma aparência de liberdade, vivida com bom humor. E se alguns destes frágeis aeróstatos seguiam simplesmente, na vertical, lá longe, o pequeno ser que deles tinha o controle, outros titubeavam, vacilavam rindo, dragões vermelhos e bonachões; outros, enfim, pareciam errar de um ponto a outro do cortejo ou, mesmo, dos dois lados da estrada. Brilhavam os fios de seda, opacificavam-se aqui e acolá o vermelho grená, o azul violeta ou o amarelo de uma dessas telas infladas como velas, algumas delas se entrechocavam.

E no chão, por momentos, alguns passos de pavimento sem nada e sem ninguém, mas o cortejo – onde havia crianças para parar, voltar para trás, passar de um grupo a outro – tornava a formar-se tão rápido quanto anteriormente era concentrado; e eu chegava a descobrir, cada vez mais surpreso à medida que me aproximava da estrada, que era realmente uma grande multidão, e que havia aqui e acolá, entre essas fileiras, uma variedade de pequenos enigmas dos quais eu não suspeitara no minuto anterior. Por vezes, aquilo que avançava, não eram transeuntes, mas ciclistas que seguravam com uma mão o fio do balão que, entretanto, podia ser bem mais vasto, uma espécie de balão dirigível que cuspia fogo; por vezes, empurradas, arrastadas por meninos e meninas, eram carruagens descobertas onde se erigiam, oscilantes, balouçantes, o que subitamente pareciam estátuas, elas também com chamas sobre seus ombros, ou, ao menos, muita fumaça, um vapor ruivo do qual eu chegava mesmo a sentir o odor, que chegava mesmo a ter incenso. A fila era sem fim, e sem número, assim como as ocasiões de surpresa. A impressão de estranheza absoluta que se depreendia desse grande cortejo ainda para mim quase silencioso não era mais forte do que aquela do infinito que me aprazia ali experimentar. Os gafanhotos que se abatem sobre os jardins de uma cidade, a última antes do deserto, não são, imagino, mais misteriosos, pequenas vidas com olhos fechados sob suas tiaras de soberanos sem reino. Mas mais ainda que o espanto, o que se apoderava de

mim, era aquela alegria que nasce daquilo que surpreende sem que se tenha o meio de compreender: aquela alegria que se tem de esperar que se romperão as correntes da compreensão de ontem, de sempre, e que, sem poder nunca mais saber, será sabida enfim ainda mais.

II.

Seja como for, dividido entre o espanto e a reflexão, eu chegara à estrada, deixava a vegetação pelo asfalto e começava – ainda ontem os carros teriam parado, serenamente, para me deixar passar –, em direção ao café da manhã, a abrir-me uma passagem através daqueles grupos que não prestavam atenção alguma em mim, tão ocupados que estavam com os gritos, com os risos, com as exclamações, com os apelos que um daqueles enxames lançava a um outro. E entrei no restaurante onde, tal como gafanhotos caídos das nuvens, várias daquelas crianças ou jovens adolescentes em *blue-jeans* classicamente lavados, camisetas ou bermuda, haviam elas próprias entrado para consumir bebidas vermelhas ou brancas, algumas amarelas. Estavam então doravante muito próximas de mim, alguns estavam mesmo sós diante de suas laranjadas ou amendoadas. Eu teria podido perguntar a uma delas sobre a razão daquele êxodo em direção ao deserto, mas contive-me em fazê-lo. A mim bastava pensar que ali não havia flautista sinistro algum à frente do primeiro grupo, entre as dunas.

Eu não me perguntava, não buscava saber: mas é também porque alguém em mim me dizia que era bastante inútil, que talvez não tivesse sido senão o momento de palavras para nada, de pequenos equívocos a serem divertidamente percebidos e logo em seguida esquecidos. Pois que na verdade eu já conhecia, melhor do que aquelas crianças que riam, que felizmente não pensavam senão em se movimentar e em rir, o que estava em jogo naquele grande cortejo. Um enorme balão, certamente o mais volumoso, muito mais volumoso do que todos os outros, acabava de passar, com sobressaltos e reflexos, diante das vidraças do restaurante; dele não restava senão um clarão vermelho; era fácil, pois, imaginar que seria lançado, lá longe, ao sul, bem além de mil impulsos bem mais ínfimos, em direção a um ponto de queda que não poderia estar senão longe no continente ou no mar: o acaso tornar-se-ia então o deus daquela jornada, eis o que já me deixava pressentir o significado daquela reunião, daquela festa. E eu começava a compreender tantas outras coisas além desta, via esclarecer-se o sentido desta civilização, a América, que há tantos anos se tornara para mim

tão próxima, mesmo sem deixar de me ser um pouco estrangeira. Na verdade, eu decifrava todos os enigmas, chegava mesmo a elucidar alguns acontecimentos de minha própria vida nos quais sempre havia tropeçado com espanto e com tristeza. Era como se aquilo que se apresentara a meus olhos nessa estrada na Califórnia fosse não apenas um acontecimento, mas um signo, cujo efeito seria doravante o de abrir meu pensamento para a imagem daqueles poliedros com faces ligeiramente coloridas que via ainda passar algumas vezes: facetas do próprio ser. – Toda uma intuição, toda uma sobreposição de ideias que me pus a anotar, inicialmente num canto de mesa, em seguida detendo-me em taludes ou em grandes pedras no caminho de volta para a pequena casa sobre a colina.

E essas anotações, eis que se tornaram, sobre a folha amassada na palma da mão, breves frases, muito elípticas, por vezes mesmo apenas duas palavras. Mas, pouco importa! Terei tempo suficiente logo mais – e amanhã, e nos anos a seguir – para dar forma mais explícita e completa à explicação da América, e a tudo, que eu havia aprisionado viva em minha rede.

III.

Entretanto, à tarde, eu pensava em outra coisa; e logo voltei a Paris, deixei as semanas, os meses, os anos passarem sem que retomasse minhas anotações, até o dia em que me disse que era bem chegado o momento de redigir “A América”. Procuo, então, as duas ou três folhas amarelas, arrancadas de um bloco por lá, onde, entre as linhas que ali foram ligeiramente impressas, já se apagava o lápis em razão das estadias feitas por esse papel dobrado nos casacos de viagem, na desordem das mesas depois. Desamassei minhas anotações, reli-as ou, antes, tentei lê-las, pois, à primeira vista, e após o segundo olhar e ainda depois – um questionamento de mais em mais perplexo, e alguma contrariedade –, não descobri ali sentido algum. Palavras, mas das quais o pensamento se retirara. Lá onde deveria ter aparecido a coerência mais forte que elas perceberam e anotaram, nada se esboçava; eu chegava a tomar algumas marcas do lápis cinza sobre o papel amassado por simples traços, sem razão traçados antes – mais do que para além – da linguagem.

E eu me fazia algumas interrogações. Não soubera anotar as ideias que tivera naquela manhã na Califórnia, confiara de modo muito imprudente em minha memória, e um pensamento que teve sentido e que teria agora preço havia realmente se evaporado do rabisco daquelas páginas, privando-me, quiçá para

sempre, de minha mais essencial verdade? Ou eu sonhara, no momento mesmo em que escrevia ou pensava escrever? Aquele grande cortejo, tão fantástico se me aparecera, havia mesmo acontecido naquilo que se chama a realidade acordada, eu o via bem claramente – eu o vejo ainda agora –, mas além? Além, no espírito que interpreta os signos? Além nas lembranças, nos fantasmas – e nas iluminações, mas logo após as censuras – que os acontecimentos imprevistos despertam com violência? Minhas três páginas de anotações não se pareciam com nada, a não ser com aquelas palavras sem pé nem cabeça, sem forma nem conteúdo, que, ao acordarmos, descobrimos com decepção sobre a folha em que, durante a noite, anotamo-las, ao final de um grande sonho.

Eu me fazia todas essas interrogações, alguém em mim desejava refletir, compreender, se não a América e o ser do mundo, ao menos o jogo de meu pensamento, de minha vida. Mas essa perplexidade, esse desejo, deu-se apenas em um momento: pois rapidamente o papel que eu olhava começava a escurecer, as palavras que a mim recusavam seu sentido começaram a se movimentar, a se avermelhar fracamente; e foram então, novamente, imagens, inicialmente indistintas, mas logo bastante precisas, como se eu já soubesse o bastante sobre o que me chamava através delas.

O que foi esse sonho? Pois bem, ainda um cortejo, mas um cortejo em um estreito caminho de montanha. E ainda outra vez escolares, com seus balões, mas em uma noite espessa e sob fortes ventos. As crianças – sim, completamente crianças, ainda mais jovens do que naquela outra estrada –, elas escalam, sem mesmo hesitar, aquelas encostas extremamente escarpadas onde, em alguns lugares, a passagem é tão estreita entre dois rochedos – um deles acima o abismo – que é preciso que elas se dispersem para não se perderem nesse limiar, tão vertiginoso, de bem antes da noite. Elas caminham, olhos baixos. Acima delas, a massa quase invisível daqueles balões dos quais elas também seguram o fio que, por vezes, se rompe sob o sopro do vento, cego lá em cima, estranho ao mundo. Eu, ora sou empurrado para a borda do caminho por sua progressão inumerável, ora posso ir entre eles, partilhando então os tropeços de seu cansaço, percebendo sua respiração ofegante, ouvindo aqui e acolá, em sua multidão, risos breves, bruscos princípios de cantos interrompidos igualmente de modo rápido, e também gritos de sofrimento, também choros. Ruídos no espaço daqueles balões que se chocam, que explodem, que rasgam, que saltam nas ondas de ar negro do céu. Furtivos rastros de fogo em seus flancos onde então brilha, por um instante, um pouco de vermelho e de amarelo. E, por vezes, o estrondo de um desabamento mais acima, bem mais acima, na montanha,

mas tudo isso, sempre tudo isso, silêncio. O mais vasto dos balões acaba de passar acima de mim, apenas visível em sua parte mais baixa, um filete que as chamas envolvem sem que ainda o tenham abrasado. Mais tarde, novamente o avistarei, parece ter parado acima de uma terra que não vemos, que talvez jamais atinjamos, nas pedras, dessa vez sob todo o céu, todas as estrelas. E eis que uma criança tenta voltar para trás, apesar da estreiteza do caminho – em direção de quem? Choca-se com as outras, elas que estão tão envolvidas na dificuldade de avançar e de segurar seus balões que nem mesmo conseguem ver. Tomo-a pelo braço, seguro-a. “Aonde você vai?”, digo a ela. Ela levanta para mim dois olhos esbugalhados por um pensamento que jamais conhecerei.

E pergunto-lhe ainda: “Como você se chama?” Mas sem responder, e sempre me olhando, com seus olhos pensativos, ela balança a cabeça.

Jamais me esqueço de você, criança que quer voltar, para onde nem mesmo você sabe. Avisto-a através da mais ínfima palavra que escrevo, mesmo quando minhas frases que sonham seguram na ponta de seus fios esticados esferas que são brilhantes, talvez sejam mesmo muito claras: que eu poderia crer brilhantes de orvalho, como se o dia tivesse reaparecido sobre a terra. Sei que você está aprisionada em todos os quadros que amo. Ouço você tropeçar no fundo pedregoso de alguns livros que li, que sei ler, rosto febril que eu gostaria de tomar entre minhas mãos. E por vezes chego mesmo a tocar em seu rosto, em seu olhar que pede, mas então são todos esses signos que se dissipam. E, com eles, o dia e a noite, e, mesmo o mundo, mesmo o vento.

